

Invitación para asistencia al coloquio

APROXIMACIONES POSTCOLONIALES DEL DERECHO INTERNACIONAL EN AMÉRICA LATINA

El idioma; cuestión de poder y de resistencia

Desde hace un par de décadas, las teorías críticas del derecho (y evidentemente del derecho internacional) han insistido sobre los prejuicios que existen en la conformación de diversas disciplinas, las instituciones, la práctica jurídica e incluso dentro de la investigación y enseñanza del derecho. Lo que nos lleva a reflexionar sobre la importancia del idioma como elemento de poder y resistencia. En este orden de ideas, las publicaciones y universidades cuentan con tal capital simbólico que perpetua dichos prejuicios. En efecto, estos criterios se agudizan cuando las instituciones educativas privilegian como "cánones" obligatorios del campo académico, el consumo de una misma línea de publicaciones, revistas, casas editoriales, investigadores y profesores que fueron formados por las mismas instituciones que les otorgan validez. Normalmente estas instituciones se encuentran en países anglófonos, sin embargo, tales es su influencia que aún fuera de las metrópolis, el idioma inglés sigue siendo la lengua en la que se publica e incluso se enseña o se traduce.

Por tanto, la replicación del idioma y sus contenidos se copian incluso en las propias líneas de algunos autores que critican los fundamentos anglófonos, pues, pretendiendo luchar contra las diferentes formas de colonialismo hacen valer sus argumentos en revistas, libros y clases en idioma inglés, por lo que son cooptados por la normalización de fuentes, tramas y contenidos de tradiciones coloniales, omitiendo las fuentes o referencias endémicas de sus tradiciones culturales. De ello, que vale la pena realizar un posicionamiento contrahegemónico del idioma y de los contenidos de la lengua. He aquí el sentido de este coloquio.

Los prejuicios del derecho internacional, que son constituidos por investigadores que trabajan o han sido formados en universidades establecidas en estados de habla inglesa o, por lo menos, en aquellos países en los que el inglés es un idioma de enseñanza, están fuertemente influenciados por las problemáticas de las naciones anglófonas. En particular, desde lo que Daniel Bonilla llama "la economía política del conocimiento jurídico", debe cuestionarse sobre el contexto económico, político y social, así como la agenda política, de las fuentes y prácticas que determinan la identificación de problemas sociales, que se convertirán en problemáticas dignas de publicaciones de prestigio, valores y "concepciones del mundo" que guían no sólo a las soluciones de los problemas mencionados, sino a replantear los métodos y epistemologías que serán consideradas como "científicas".

Por lo que vale la pena preguntarse ¿Cuáles son los efectos políticos, económicos y sociales de esta hegemonía del idioma inglés en el campo del derecho internacional? ¿Las consecuencias de tener un mismo idioma en la formación de futuros internacionalistas y otros actores políticos responsables de la política exterior, no condicionan sus parámetros como especialistas?

Parece ineludible inclinarse hacia la resistencia que se opone a este fenómeno, empero, debemos preguntarnos primeramente si es pertinente hacerlo. De ser posible, cuáles son los modos de resistencia disponibles para los investigadores en un espacio como América Latina. De ello, debemos dar cuenta que esta resistencia debe pasar por una mayor sensibilización sobre la importancia de escribir en español, portugués y francés, y utilizar mayormente la literatura de estos idiomas, para comenzar a emprender "el sueño latinoamericano de derecho internacional", y así solidificar la interacción intelectual que compita con otros modelos europeos de revistas, libros, textos y enseñanza.

Paralelamente a los paneles organizados sobre esas problemáticas, recibiremos y estudiaremos las propuestas que toquen los aspectos particulares sobre el derecho internacional en América Latina.

Por lo anterior, se invita a participar en este coloquio que tendrá lugar en la coordinación de posgrado de derecho de la Universidad Nacional Autónoma de México del 22 al 24 de junio del dos mil dieciséis. Las conferencias serán en español, en portugués y en francés.

Se pide de la manera más atenta a los participantes, enviar sus ponencias y currículum antes del primero de diciembre de dos mil quince, a la siguiente dirección apdal@derecho.unam.mx. Se apoyará particularmente a las contribuciones de los jóvenes investigadores, por lo que se pedirán subsidios para pagar parte de los costos de transporte y alojamiento de los conferencistas. En caso de necesitar algún tipo de ayuda para asistir al coloquio o, por otra parte si cuenta con la capacidad de hacerlo por sus propios medios, por favor hágalo de nuestro conocimiento.

Este coloquio está organizado de manera conjunta por el Posgrado de Derecho de la UNAM, el Centre Critica y Direito internacional de la Universidad de Brasilia y el Centre d'études sur le droit international et la mondialisation (CÉDIM) de la Universidad de Quebec en Montreal.

Coordinador en México: Cand. Dr. Germán Medardo Sandoval Trigo.
germansandoval@hotmail.com.

Coordinador en Quebec. Dr. Remi Bachand. Bachand.remi@uqam.ca.

Coordinador en Brasil. Dr. George Rodrigo Bandera Galindo: ggalindo@unb.br.

Chamada de trabalhos para o seminário:

AS ABORDAGENS PÓS-COLONIAIS DO DIREITO INTERNACIONAL NA AMÉRICA LATINA

A língua como desafio de poder e resistência

Há vinte anos, as teorias críticas do direito (e especialmente do direito internacional) têm insistido na importância dos vieses disciplinares ou institucionais tanto na prática jurídica quanto na pesquisa acadêmica e no estudo do direito. Isso nos leva a refletir sobre a importância do idioma como elemento de poder e de resistência. Existem certas revistas, certas editoras e certas universidades que possuem um capital simbólico que lhes confere uma centralidade na determinação dos vieses disciplinares. Com efeito, é frequentemente nas mesmas revistas e nas mesmas editoras que são publicados artigos e livros (escritos geralmente por professores e pesquisadores que trabalham ou se formaram nas mesmas universidades) que vêm a ser considerados como os textos “canônicos” do campo acadêmico, isto é, os que acabam constituindo os vieses disciplinares. Parece que essas revistas, editoras e universidades estão geralmente situadas nos países anglófonos ou, quando lá não estão, têm o inglês como língua de publicação ou de ensino.

Além disso, os atores envolvidos na educação jurídica repetem os conteúdos de uma tradição particular: a anglófona. Desta forma, ainda que não se elevem necessariamente ao nível de “cânone” do campo, os livros e artigos que são publicados nas revistas e pelas editoras de prestígio têm comumente como característica se apoiarem essencialmente (se não exclusivamente) em referências (frequentemente as mesmas) escritas na língua inglesa. Deve-se ressaltar que esse fenômeno parece afetar até mesmo autores que, pretendendo lutar contra as diferentes formas de colonialismo, deixam de utilizar as referências intelectuais redigidas em outras línguas além do inglês em seus próprios trabalhos.

Esse conjunto de observações nos leva diretamente à problemática deste seminário. Se os vieses disciplinares do direito internacional são constituídos por pesquisadores que trabalham ou se formaram nas universidades localizadas em Estados anglófonos, ou, ao menos, que têm o inglês como língua de ensino, é certamente razoável postular que eles serão fortemente influenciados pelas preocupações dos Estados anglófonos. Mais especificamente, há espaço para se questionar o que um autor como Daniel Bonilla chama de “a economia política do saber jurídico”, isto é, tanto o contexto social, político e econômico como a agenda política que determina a identificação dos problemas sociais que se tornarão questões dignas das publicações de prestígio, os valores e “visões de mundo” que guiam as soluções a essas questões, e também as metodologias e epistemologias que serão consideradas como sendo “científicas”. Sobretudo, uma vez que esses vieses disciplinares influenciam os futuros internacionalistas e outros atores

da política externa de diversos países, é possível questionar quais são os efeitos políticos, econômicos e sociais dessa hegemonia da língua inglesa no campo no direito internacional?

Por outro lado, parece igualmente essencial investigar a resistência que se opõe a tal fenômeno. Em primeiro lugar, essa resistência é relevante? Vale a pena ser feita? É “ganhável”? Caso positivo, quais são os modos de resistência que estão disponíveis aos pesquisadores de um espaço tão rico em recursos intelectuais como a América Latina? Essa resistência passa por uma maior conscientização da importância de se escrever em espanhol, português ou francês? De se utilizar mais a literatura dessas línguas? Seria apropriado lançar uma “Revista Latino-Americana de Direito Internacional”, baseada no modelo do *European Journal of International Law*, criado há pouco mais de vinte anos? Etc.

Paralelamente aos painéis organizados em torno desse tema, nós receberemos e analisaremos todas as propostas que digam respeito a aspectos específicos sobre o direito internacional concernentes à América Latina.

O seminário terá lugar na Universidade Nacional Autônoma do México, de 22 a 24 de junho de 2016. As conferências serão em espanhol, em português e em francês.

Convidamos os contribuintes a enviarem suas propostas de trabalho acompanhadas de um curriculum vitae até 1º de dezembro de 2015, ao seguinte endereço: apdal@derecho.unam.mx. Incentivamos especialmente as contribuições de jovens acadêmicos. Pedidos de subvenção serão feitos, sendo que a maior parte será destinada a cobrir ao menos parte dos custos de transporte e de alojamento de alguns palestrantes. Favor indicar se tal auxílio financeiro é necessário à sua presença ou se você poderá participar do seminário independentemente desse auxílio.

O colóquio será organizado de maneira conjunta pela Pós-Graduação em Direito da Universidad Autónoma de México (UNAM), o Grupo Crítica e Direito Internacional da Universidade de Brasília e o Centre d'études sur le droit international et la mondialisation (CÉDIM), da Universidad de Quebec em Montreal.

Coordenador no México: Cand. Dr. Germán Medardo Sandoval Trigo.
germansandoval@hotmail.com.

Coordenador no Quebec. Dr. Remi Bachand. Bachand.remi@ugam.ca.

Coordenador no Brasil. Dr. George Rodrigo Bandera Galindo. ggalindo@unb.br.

Appel à communications pour un colloque

**LES APPROCHES POSTCOLONIALES DE DROIT INTERNATIONAL EN
AMÉRIQUE LATINE**

La langue comme enjeu de pouvoir et résistance

Depuis une vingtaine d'années, les théories critiques de droit (et notamment de droit international) ont insisté sur l'importance des préjugés disciplinaires ou institutionnels dans la pratique, autant que dans la recherche académique et l'étude du droit. Ces préjugés disciplinaires nous permettent, nous semble-t-il, de réfléchir à plusieurs enjeux, et notamment à l'importance de la langue comme élément de pouvoir autant que de résistance. En effet, il y a lieu de questionner l'importance qu'ont certaines revues, certaines maisons de publication et certaines universités qui possèdent un capital symbolique leur permettant d'être centrales dans la détermination des préjugés disciplinaires. En effet, ce sont bien souvent dans les mêmes revues et les mêmes maisons de publication que sont publiés les articles et les livres (qui sont souvent écrits par des professeurs et chercheurs travaillant ou formés dans les mêmes universités) qui viennent à être considérés comme étant les textes « canons » du champ académique, c'est-à-dire qui finissent par constituer les préjugés disciplinaires. Or, il appert que ces revues, maisons de publication et universités sont généralement installées dans des pays anglophones ou, lorsqu'elles sont installées ailleurs, ont l'anglais comme langue de publication ou d'enseignement.

Il est également possible de remarquer que les acteurs impliqués dans l'éducation juridique ont souvent tendance à n'utiliser de la littérature issue que d'une seule tradition bien particulière : celle du monde anglophone. De la même façon, les livres et articles qui, sans nécessairement s'élever au rang de « canons » du champ, sont publiés dans des revues et maisons de prestige, ont souvent comme caractéristique de s'appuyer essentiellement (sinon exclusivement) sur des références (et ce sont souvent les mêmes) écrites en langue anglaise. Ce dernier phénomène, il faut le souligner, semble même marquer des auteurs qui, tout en prétendant lutter contre différentes formes de colonialisme, omettent d'utiliser des références intellectuelles rédigées dans d'autres langues que l'anglais dans leurs propres travaux.

L'ensemble de ces remarques nous mène directement à la problématique de ce colloque. Si les préjugés disciplinaires du droit international sont constitués par des chercheurs œuvrant ou ayant été formés dans des universités installées dans des États anglophones ou, à tout le moins, qui ont l'anglais comme langue d'enseignement, il n'est sûrement pas déraisonnable de postuler qu'ils vont être fortement influencés par les préoccupations des États anglophones. Plus particulièrement, il y a lieu de se questionner sur ce qu'un auteur comme Daniel Bonilla appelle « l'économie politique du savoir juridique », c'est-à-dire sur le contexte social, politique et économique ainsi que sur l'agenda politique qui déterminent l'identification des problèmes sociaux qui

deviendront des problématiques dignes de publications de prestige, les valeurs et « conceptions du monde » qui guident les solutions auxdits problèmes, mais aussi les méthodologies et épistémologies qui seront retenues comme étant « scientifiques ». Plus particulièrement, et dès lors que ces préjugés disciplinaires influencent également la pratique des institutions internationales, la formation universitaire des futurs internationalistes et autres décideurs de la politique étrangère de plusieurs pays, quels sont les effets politiques, économiques et sociaux de cette hégémonie de la langue anglaise sur le champ du droit international?

En revanche, il semble également incontournable de se pencher sur la résistance à opposer à ce phénomène. Celle-ci, premièrement, est-elle pertinente? Vaut-elle la peine d'être menée? Est-elle « gagnable »? Si oui, quels sont les modes de résistance qui sont disponibles pour les chercheurs d'un espace aussi riche en ressources intellectuelles que l'Amérique latine? Cette résistance passe-t-elle par une plus grande sensibilisation sur l'importance d'écrire en espagnol, portugais et français? D'utiliser davantage la littérature de ces langues? Serait-il pertinent de lancer une « Revue latine-américaine de droit international », un peu sur le modèle du *European Journal of International Law* créé il y a un peu plus de vingt ans?, Etc.

En parallèle aux panels organisés autour de cette problématique, nous recevrons et étudierons également toute proposition touchant des aspects particuliers que peut avoir le droit international sur l'Amérique latine.

Le colloque aura lieu à l'Université nationale autonome de Mexico du 22 au 24 juin 2016. Les conférences auront lieu en espagnol, en portugais et en français.

Les contributeurs sont priés de faire parvenir leur proposition de communication accompagnée d'un curriculum vitae avant le 1^{er} décembre 2015, à l'adresse suivante apdal@derecho.unam.mx. Les contributions des jeunes chercheurs sont particulièrement encouragées. Des demandes de subvention seront faites dont la plus grande partie servira à payer une partie au moins des frais de transport et d'hébergement de certains des conférenciers. Prière d'indiquer si une telle aide est nécessaire à votre présence ou si vous serez en mesure de participer au colloque nonobstant une telle aide.

Ce colloque est organisé conjointement par les Études de cycles supérieurs de droit de la UNAM, le Centre Critique et Droit international de l'Université de Brasilia et le Centre d'études sur le droit international et la mondialisation (CÉDIM) de l'Université du Québec à Montréal.

Coordinateur au Mexique: Cand. Dr. Germán Medardo Sandoval Trigo : germansandoval@hotmail.com.

Coordinateur au Québec. Dr. Remi Bachand : Bachand.remi@uqam.ca.

Coordinateur au Brésil. Dr. George Rodrigo Bandera Galindo: ggalindo@unb.br.